



UNICAMP

EVENTO: Falecimento de Toru Takemitsu

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 04 maio 96

PÁGINA: D-6

SEÇÃO: CADERNO 2



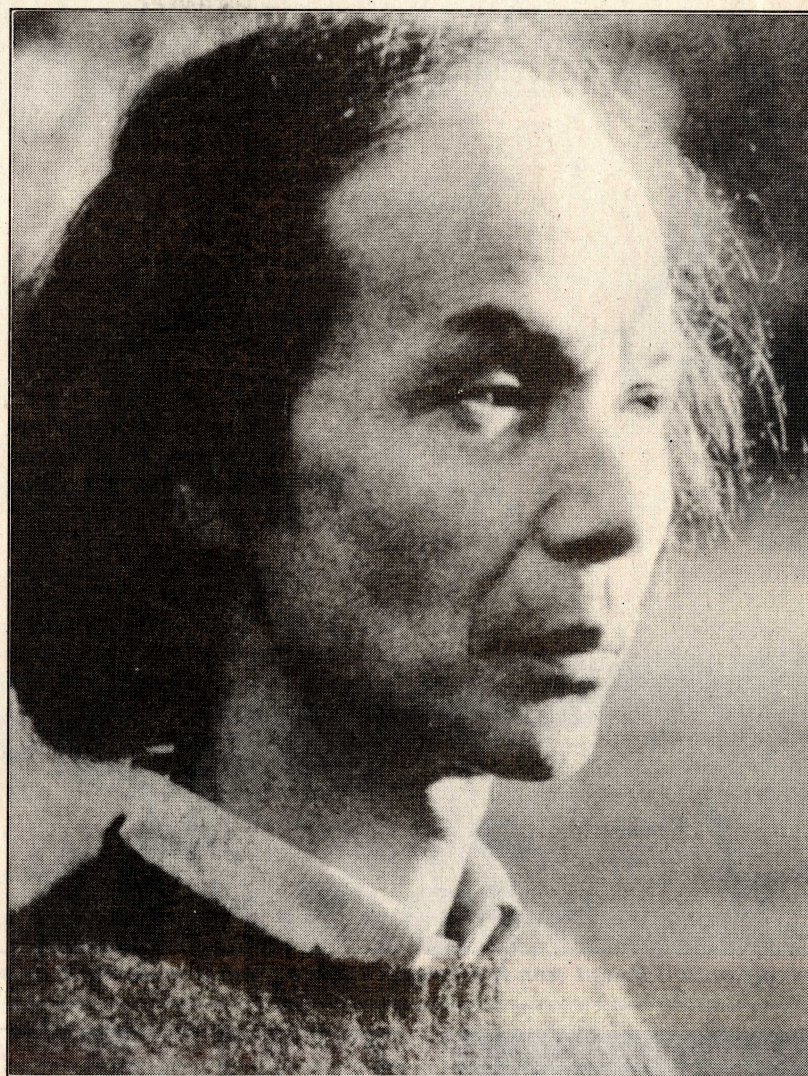
Morte de Toru Takemitsu tira Japão do tom

Sem o autor das trilhas dos filmes de Kurosawa, o país fica nas mãos de performers eletrônicos

ANTONIO GONÇALVES FILHO

A perda do compositor Toru Takemitsu (1930-1996), em março, deixa o Japão sem o seu maior músico e certamente será lamentada por quem não vive dos restos do pós-modernismo agonizante de Ryuichi Sakamoto ou Kazuo Uehara. Vale dizer, por quem conhece a diferença entre música e performance eletrônica. Takemitsu morreu de câncer, em Tóquio. Depois de Fumio Hayasaka (1914-1957), era o nome mais respeitado da música erudita fora do Japão. Infelizmente, sua produção é pouco conhecida no Brasil. A PolyGram lançou, em 1992, um disco seu com Seiji Ozawa regendo *November Steps*, *Eclipse* e um concerto para viola (gravado ao vivo entre 1989 e 1990 em Berlim).

Takemitsu era um caso raro de equilíbrio na música contemporânea japonesa. Capaz de preservar a tradição sem esquecer seu compromisso com a evolução, Takemitsu fez da natureza e da literatura os pilares de sua arquitetura musical, simples, densa, cheia de pausas para respiração. Com frequência, associado à contemplação de um jardim japonês, o ato de ouvir Takemitsu evoca uma paisagem mística e silenciosa, organizada, segundo o crítico Anthony Burton, não com uma precisão geométrica, mas por instinto.



Toru Takemitsu: compositor das trilhas de 'Ran' e 'Dodeskaden'



Cena de 'Ran': instrumentos típicos japoneses para takes intimistas na adaptação de 'Rei Lear' feita por Akira Kurosawa

Cena de batalha em 'Ran': conflito entre flauta de bambu e orquestra ocidental na mais complexa trilha sonora de Toru Takemitsu



Sua mais conhecida trilha sonora, composta para o filme *Ran*, de Kurosawa, é um exemplo característico dessa capacidade de associar o ritmo da natureza com a cadência das imagens nessa livre adaptação de *Rei Lear* para o cinema. Takemitsu faz do conflito entre os instrumentos de sopro e a orquestra uma metáfora das constantes lutas internas entre os vários clãs do século 16 no Japão.

Como Motonari Mori, senhor feudal japonês inspirador de *Ran* (que pode significar caos, desordem), o grande senhor Hidetora Ichimonji é um velho que confronta a morte. Diante dos vassallos, confia seus castelos aos filhos. Saburo, o caçula, rejeita a oferta para não testemunhar uma guerra fratricida e é deserdado pelo pai. Acaba devorado pelo apetite antropofágico dos dois irmãos. O pai não tem melhor destino, como na peça de Shakespeare. Desnecessário dizer que tal tragédia merecia uma sinfonia de Mahler.

Sintaxe ocidental — Foi justamente o que Kurosawa imaginou. Pediu a Takemitsu que pensasse em Mahler e Grieg quando estivesse compondo a trilha do filme. Takemitsu não teria demonstrado o mínimo sinal de constrangimento, até mesmo porque sempre recorreu à sintaxe ocidental, ao contrário de Hayasaka. Aliás, só foi utilizar pela primeira vez instrumentos japoneses aos 32 anos, quando escreveu a trilha de *Seppuku*, em 1962. Jovem, Takemitsu declarou não ter intenção de usar qualquer coisa que fizesse lembrar o Japão, especialmente a tradição japonesa.

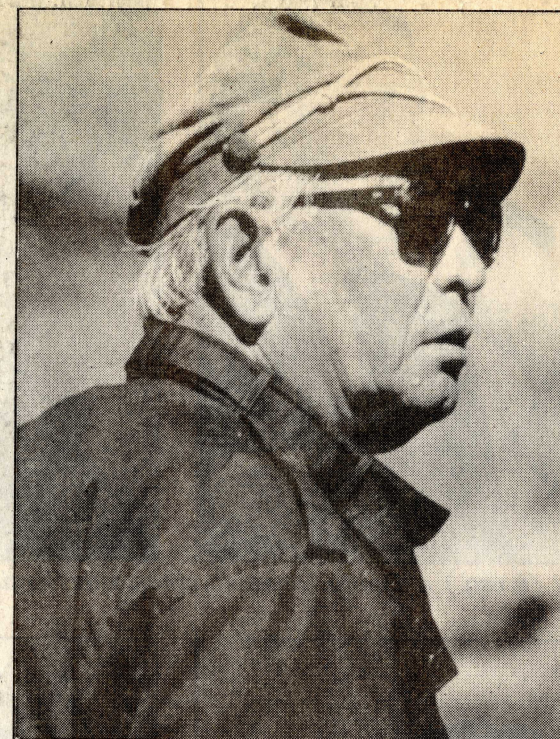
Depois de *Seppuku*, instrumentos como o shakuhachi e o biwa passaram a frequentar suas partituras, até mesmo em *Dodeskaden*, de Kurosawa. O primeiro é um instrumento de bambu com cinco furos. Biwa tem forma de pera e é um instrumento tradicional de cordas. A construção formal de *Eclipse*, uma das peças mais conhecidas de Takemitsu, deve-se ao contraste dinâmico entre os dois instrumentos, que fazem uma espécie de cerco à orquestra ocidental com ataques de

**SUA MÚSICA
EVOCA A
NATUREZA E
TRADUZ
ORDENAÇÃO
INTUITIVA DA
PAISAGEM**



«NOVEMBER STEPS»
ECLIPSE FOR
SHAKUHACHI
AND BIWA
NOBUKO
IMAI
SAITO
KINEN
ORCHESTRA
SEIJI
OZAWA

Capa do disco
lançado no
Brasil com
obras do músico:
regência do
maestro
Seiji Ozawa



O cineasta
Akira Kurosawa:
sugestão de
Mahler como
referência ao
parceiro Toru
Takemitsu para
compor a
música de 'Ran'

Eclipse busca o silêncio primal, o silêncio do primeiro dia da criação, no intervalo entre as trevas e a luz, o ruído do verbo. Usa elementos ocidentais como simulacro desse ruído divino e os instrumentos orientais como formas naturais modificadas pelo homem para meditar sobre o valor do silêncio.

Eclipse foi o primeiro concerto composto por Takemitsu para instrumentos japoneses, logo após a trilha de *Seppuku*, de Kobayashi. A primeira audição em Tóquio foi há 30 anos com Kinshi Tsuruta e Katsuya Yokoyama. O pioneirismo da peça deu muito trabalho aos músicos,

síntese entre sons ocidentais e orientais. Seu paradigma sempre foi a natureza. Se o som fosse bom, ecoaria pelas montanhas, como Gurdjieff defendia. Se não, fatalmente iria cair por terra. E a música de Takemitsu cruzou oceanos.

Presença humana — É uma música intimista, mesmo quando composta para grandes grupos orquestrais. O solista sempre acaba triunfando no final, como em *A String around Autumn*, encomendada pelos franceses para comemorar o bicentenário da revolução, em 1989. O solo de viola traduz a presença humana diante da natureza. Faz o papel de alguém que observa uma paisagem outonal. Takemitsu menciona Debussy e Messiaen em sua dedicatória ao povo da França. A harmonia da peça não nega a influência dos dois compositores. Não há em toda a obra de Takemitsu



'Dodeskaden':
o caminho da
vida, para Akira
Kurosawa, tem
um tema musical
para cada um
dos habitantes
do planeta

Cena de
'Dodeskaden':
pesquisa para
transformar
a palavra em
música num
filme sobre a
miséria humana



Filme destaca sua criatividade

*'Music for the Movies:
Toru Takemitsu'
documenta as várias
facetas do compositor*

LUIZ CARLOS MERTEN

Charlotte Zwerin é uma americana obcecada por música. Co-diretora, com David e Albert Maysles, do documentário *Gimme Shelter*, sobre a

quatro diretores importantes que trabalharam com Takemitsu: Hiroshi Teshigahara, Nagisa Oshima, Masahiro Shinoda e Masaki Kobayashi. Os quatro lideraram depoimentos destacando a contribuição do compositor. O próprio Takemitsu destaca o que considerava uma das suas principais características como compositor: sentia a necessidade de estar presente no set, durante a rodagem. Não era do tipo que recebia o filme pronto para musicar. Às vezes, tinha idéias para a música em plena rodagem e as comunicava ao diretor.

**CHARLOTTE
ZWERIN**

poneses. Achava que a música não precisava ser necessariamente produzida por instrumentos musicais. É conhecida a história de que Kurosawa queria que ele se inspirasse em Mahler na famosa cena do ataque ao castelo de *Ran*.

Limites — No documentário, Takemitsu conta que sua intenção era usar essa cena para fazer música com recursos não-instrumentais. Queria testar as possibilidades e os limites da voz humana, tecendo uma sinfonia de vozes que só seria interrompida com o fatídico tiro que está no centro da ação. Ele chegou a trabalhar nesse sentido, mas Kuro-

com ataques de uma violência natural, ou seja, com a força dos ventos (caso do shakuhachi) e dos gritos agudos do biwa.

A originalidade de uma peça como *Eclipse* está na forma como Takemitsu esboça a cadência da peça, estabelecendo limites para os intérpretes, sem, no entanto, pressioná-los contra a parede. Cabe ao músico que toca biwa, por exemplo, determinar a duração da pausa entre as frases, auxiliado pelas linhas dos poemas de Rabindranat Tagore colocadas nos intervalos. Trata-se de uma peça musical que revela a aproximação da escrita de Takemitsu com a fenomenologia.

balho aos músicos, considerando o caráter pouco convencional da partitura. Para ser fiel a seu eclipse, Takemitsu mandou imprimir as páginas de cada instrumento para serem lidas ao reverso. A notação era branca; o fundo, negro. Um músico lia ao contrário o que o outro tocava, topando com a simetria só no meio da composição. O eclipse se prolongava no palco com uma iluminação que encobria, à maneira de Antonioni, os seus intérpretes.

Ao contrário do que se possa imaginar, essa proposta pouco tinha a ver com o voluntarismo da vanguarda européia ou americana. Takemitsu jamais procurou uma

Não há em toda a obra de Takemitsu um alegre, porque, segundo ele, os japoneses não sabem o que significa esse movimento — algo compreensível depois de Hiroshima.

Takemitsu foi um dos poucos compositores contemporâneos que não sucumbiu às bugigangas eletrônicas oferecidas no supermercado japoneses. Também não assimilou o discurso de Stockhausen, que visitou o Japão nos anos 70 e deixou sua marca impressa em obras como a de Toshio Mayuzumi ou Stomu Yamashita. Fez uma música sem fios, acústica, de alta qualidade técnica e, o que é principal, comovente como a própria natureza.

Berlim, em 1989, com outro documentário sobre Thelonius Monk, *Straight no Chaser*. Em 1995, vol-

tou ao fórum para mostrar *Music for the Movies: Toru Takemitsu*. É um documentário sobre o compositor japonês. Dura uma hora e foi co-produzido com capital dos Estados Unidos (Alternate Current Inc.), da Alemanha (Weltvertrieb) e da França (Les Films d'Ici).

Charlotte não conseguiu envolver Akira Kurosawa no projeto, mas obteve a participação de

DIRIGE A PRODUÇÃO

municava ao diretor, que já podia filmar a cena imaginando a música de fundo. Isso ocorreu com dire-

tores tão diferentes quanto Kobayashi e dois representantes da nouvelle vague japonesa dos anos 60: Oshima e Shinoda.

No total, musicou — sem se repetir — cerca de 90 filmes, o que dá a medida de uma extraordinária criatividade. Nos anos 50, foi pioneiro na utilização de recursos eletrônicos. Nos 60, já consagrado, voltou-se para os instrumentos tradicionais ja-

balhar nesse sentido, mas Kurosawa não arredou pé de ter a música que queria. Foi uma das raras vezes, afirma Takemitsu no documentário, em que estiveram em divergência.

Considerado o maior especialista ocidental em cinema japonês, o crítico Donald Ritchie participa de *Music for the Movies* historiando justamente a importância da sintaxe do Ocidente na formação do compositor. Ritchie destaca que a influência ocidental nunca descaracterizou o trabalho de Takemitsu, a quem chama de mais japonês dos compositores de cinema.